

humanos; é o Minotauro que recebe, em cada ano, um imposto em vidas humanas.

O automóvel faz anualmente mais vítimas que o conjunto de todos os conflitos sangrentos incluindo revoluções, guerrilhas e terrorismo. Mas ninguém protesta nas ruas, em multidões mobilizadas com dísticos e bandeirolas.

As mortes por acidente rodoviário são mais onerosas para a sociedade do que as de origem cardio-vascular. Estas atingem, geralmente, gente velha e só a vítima, enquanto que os acidentes automobilísticos envolvem mortos e feridos, de várias idades.

O automóvel é um paradoxo: é o objecto mais desejado pelo homem que se considera civilizado, mas é o escravo mecânico que, à traição, mais mortes causa ao homem livre. Muitas vezes limita-se a ser meio de atingir o suicídio...

Sim! O homem que é proprietário de um automóvel julga ter conquistado a **LIBERDADE DE TRANSPORTE**. Esquece-se que qualquer liberdade tem por fronteiras as liberdades dos *outros*...

Este *conflito* de liberdades é uma peça importante nos embrechados que constituem a *coordenação dos transportes* e o *ordenamento urbano*.

São dois *puzzles* estes que serão analisados nas palestras que se seguem.

### SUMMARY

#### THE TRAIN ARRIVED LATE

We refer to the opening address in a seminar organised to commemorate the 150th anniversary of the inauguration of the first section of the main line railway in Portugal.

It is emphasised that the railway were one of the causes of the economic and social changes that took place all over the world during the last century.

The address begins with an historical digression on wheeled vehicles and land transport.

From 1821, rail transport revolutionised industry in the United Kingdom with the rapid outflow and distribution of products.

On the continent of Europe the railway companies always did very bad business as governments, contrary to what they had promised, never awarded them transport monopolies and always made them pay fixed tariffs.

Although they were subsidised the companies erected their infrastructures at their own expense i. e. they laid the tracks and built the stations. Roads were built by public authorities and all competitors of rail could circulate on them.

Entering into the History of the Railways in Portugal, the Author states that the train arrived late in this country, as the Napoleonic campaigns, the ensuing social revolutions and the civil wars only ended in 1834.

After this year there was a period of political and revolutionary instability that only ended with the governments that included the great technician and statesman, A. M. Fontes Pereira de Melo.

The first section of the main line Portuguese railway was only inaugurated on the 28th October 1856.

In Portugal the railway was the great mixer of social classes and the means by which the Provinces made contact with the Capital.

The article mentions the dates of the extensions made to the main line and secondary lines of the Portuguese railway.

## ARTEFACTOS INDÍGENAS BRASILEIROS EM PORTUGAL

THEKLA HARTMANN

Emóloga do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Brasil

A amabilidade do Dr. Carlos Lopes Cardoso mostrando-me o artefacto da Figura 1, integrante do acervo da Sociedade de Geografia de Lisboa, dá-me ensejo para algumas considerações sobre a importância dos antigos materiais originários de tribos indígenas brasileiras que se encontram em museus de Portugal.

Acredito que esse artefacto faça parte da colecção etnográfica reunida por Alexandre Rodrigues Ferreira durante a viagem que empreendeu pela Amazônia brasileira em 1783-1792, por ordem da Coroa Portuguesa, e que se constitui na primeira expedição de cunho naturalista enviada ao Brasil. A colecção etnográfica dispersou-se por várias instituições portuguesas: cerca de 300 peças estão no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra que prepara uma publicação comemorativa do 2.º Centenário da Viagem Philosophica. Dela constarão um histórico do atribulado destino da colecção, a cargo do Dr. Henrique Coutinho Gouveia, e um catálogo comentado <sup>(1)</sup>.

O artefacto em questão é uma prancha retangular de madeira, primorosamente lavrada, de 34 cm de comprimento, sendo o cabo esculpido em forma de cabeça de cobra. No eixo maior da peça vê-se um rosto humano, seguido de outra cabeça de reptil, esta trabalhada em relevo, de modo a formar uma saliência. Logo abaixo, ainda sobre o mesmo eixo, a madeira foi lavrada no sentido de representar o guizo de uma cascavel (*Crotalus terrificus*), composto

<sup>(1)</sup> Graças a um convite do Dr. Manuel Laranjeira Rodrigues Areia, ao auxílio de viagem concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e ao afastamento autorizado pela Universidade de São Paulo, foi-me possível realizar o estudo dessa colecção em fins de 1981 e participar do projecto do Museu e Laboratório Antropológico de Coimbra que visa homenagear um sábio brasileiro que viveu a serviço de Portugal.



Fig. 1

Bandeja de aspirar paricá, existente na Sociedade de Geografia de Lisboa. Foto: Lopes Cardoso

de nove elementos. Segue-se uma cavidade retangular que se estende até à base da peça. Partes do artefacto são vazadas e toda a sua superfície está recoberta de linhas e pontos incisos com vestígios de tinta mineral ou vegetal no fundo. Trata-se de uma bandeja de paricá<sup>(2)</sup> e faz parte da parafernália utilizada

(<sup>2</sup>) Uma espécie de rapé feito das sementes secas e pulverizadas de diversas plantas do género *Piptadenia*.

por determinados grupos indígenas do curso médio do rio Amazonas durante a aspiração ritual de pós narcóticos.

Alexandre Rodrigues Ferreira descreve com impressionante riqueza de detalhes os apetrechos usados para essa finalidade em sua *Memória sobre os instrumentos de que usa o gentio para tomar o tabaco = paricá*, redigida em Barcelos, povoação do rio Negro — um dos grandes afluentes da margem esquerda do Amazonas — em 13 de Fevereiro de 1786:

«Todo este aparelho he precizo a o Gentio Magué, para tomar a seu modo o tabaco = Paricá = Consta de hum almofariz = Induá = com a sua mão = Induá-mena = huma escovilha = tupixúna = hum caracol = Yapuru-xitá = huma planchêta de madeira, e dous ossos das ázas de huma ave, juntos hum ao outro. Veja-se a explicação seguinte.

Serve de almofariz huma das ametades, em q dividem acapsula das Castanhas chamadas = do Maranhão =. Pizão dentro nelle e reduzem apó subtil os fructos da arvore = Paricá = de pois de torrados. Nelle consiste o seu mais estimado tabaco.

Aque parece escovilha, he hum fêche de sêdas da cauda do Tamanduá. O seu uso, hé o de alimpar o almofariz, e o de estender o tabaco pelo vazado da planchêta.

O caracol (*Helix terrestris*) pela serventia que tem, toma o nome de = Paricá-rerú = quer dizer = Caixa de Paricá. Com algum outro pedaço de concha da mesma especie tapão abôca do caracol: grudão-no com a resina do = Anany =; e sem mais custo fica feita a caixa do tabaco. Para o introduzirem nella e para o vasarem na planchêta, ábrem o vertice da espira, e na abertura grudão o bocal, que hé o gargalo de hum cabaço.

A planchêta costuma ter a figura de algũ animal: a que tem a da amostra, dizia o Indio seu dono, que era a de hum Jacaré: a figura, e os lavôres são feitos com os dentes das Cutias e de outros animaes; estes são as suas goivas, formoens, plainas, etc. Da madre perola da concha = Itaã = fingem os olhos embutidos nas cavidades, que os devem representar. Aextremidade da peça representa huma pá vazada do meio para baixo: chama-se = Paricá-rendana =: val o mesmo q = lugar, em q se vaza o Paricá =.

Os dois ossos dos braços das azas, escolhem-se da quellas aves, que os tem mais compridos: taes são os Tujujús, Maguayrys, Ayayás, tirão o tutano a ambos, ajuntão hum a o outro, mediante o tecido de hum fio fino de algodão, e com a interposição das duas como cóstas que tem, e são da Palmeira = Paxiúba = impedem, que do meio para cima, se ajuntem tanto, que não fique medido, e separado o intervallo das ventas. Para os approximarem a ellas, grudão nas suas extremidades superiores os 2 coquilhos da Palmeira = Yu-hue = tirado de dentro o miôlo, descascada a casca exterior, e abertos os buracos.

Veja-se o modo de tomar o Paricá.

Despejada no vazado da planchêta a porção que se ha de tomar, nelle se espalha por igual com o cabo da escovilha, que representa huma catrabuxa. O que a ha de tomar pega com a chave da mão esquerda no enfranke da planchêta, que parece o pescoço do Jacaré, e tendo voltado para si o vazado della, com a direita approxima às ventas as extremidades superiores dos dois ossos e a o vazado da planchêta as inferiôres. Assim sorve pelos dois syphoens a porção que despejou, p.<sup>a</sup> a tomar. Delle usa o Gentio nas grandes Bacchanaes, chamadas do Paricá, e para ellas têm huma casa grande feita de proposito, sem repartição alguma, e porisso denominada = casa do Paricá =.

Principia a cerimonia das Bacchanaes por huma cruelissima flagellação: açoutão-se reciprocamente huns a os outros com hum azurrague de couro de Peixe-boy, Anta, ou Veado: na falta disto suppre huma corda de Pita bem torcida, do comprim.<sup>to</sup> de uma braça: tem na extremid.<sup>o</sup> huma pedra, ou outro qualquer appenso, q seja solido, e q fira. Açoutão-se de dois a dois: o paciente recebe os açoutes de pé, e com os braços abertos, em q<sup>to</sup> o flagellante o fustiga à sua vontade: pouco de pois passa flagellante para flagellado, e assim cada parêlha segue o seu turno: nisto consomem 8 dias, elles na cerimonia da flagellação, e as velhas na preparação do Paricá, e na dos vinhos das fructas, e do beijú. Segue-se a função de participarem delles os que participarão dos açoutes. A virtude narcotica do Paricá, o modo de osorver e a demazia dos vinhos, óbrão com tanta violencia, q os que não morrem algumas vezes suffocados do tabaco, cahem semimortos, e cahidos ficão até lhes passar a borracheira. Passada a primeira, principia a segunda: hé do estatuto da festa durar a borracheira tanto, quanto durarão os açoutes» (3).

A *Memória* refere-se explicitamente ao costume entre os índios Mauhé — Magué na grafia do naturalista — e descreve o instrumental que Rodrigues Ferreira entre eles recolheu para enviar a Portugal.

Esses Mauhé constituem um grupo de fala tupi cujo habitat tradicional compreendia os baixos cursos dos afluentes da margem direita do rio Amazonas,

(3) Transcrita do original da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A *Revista Nacional de Educação* publicou a *Memória* em seu n.º 8, Rio de Janeiro 1933, pp. 74-76. — Encontra-se também em S. Henry Wassén, «A naturalist's lost ethnographic collection from Brazil — or the case from 1786. *Arstryck* 1969, Gothenburg Ethnographical Museum 1970, pp. 32-52; essa transcrição apresenta alguns erros que levaram Wassén, na tradução livre para o inglês, a certos mal-entendidos. — O trabalho de Wassén, em tradução de Rui Alexandre Correia da Costa, foi reproduzido em Vera Penteadó Coelho (org.), *Os alucinógenos e o mundo simbólico*, pp. 157-176. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária/Editora da Universidade de São Paulo, 1976. — Outra fonte é a edição do Conselho Federal de Cultura, datada de 1974, da *Viagem filosófica pelas capitánias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. (Memórias. Antropologia).*

delimitados a leste pelo Tapajós e a oeste pelo Madeira (Fig. 2). A primeira menção desses índios encontra-se no mapa do padre Samuel Fritz que, ao descer o Amazonas em 1691, localizou-os a oeste do Tapajós. As crônicas seguintes mencionam intenso contacto, pacífico e hostil, dessa tribo com os colonizadores.

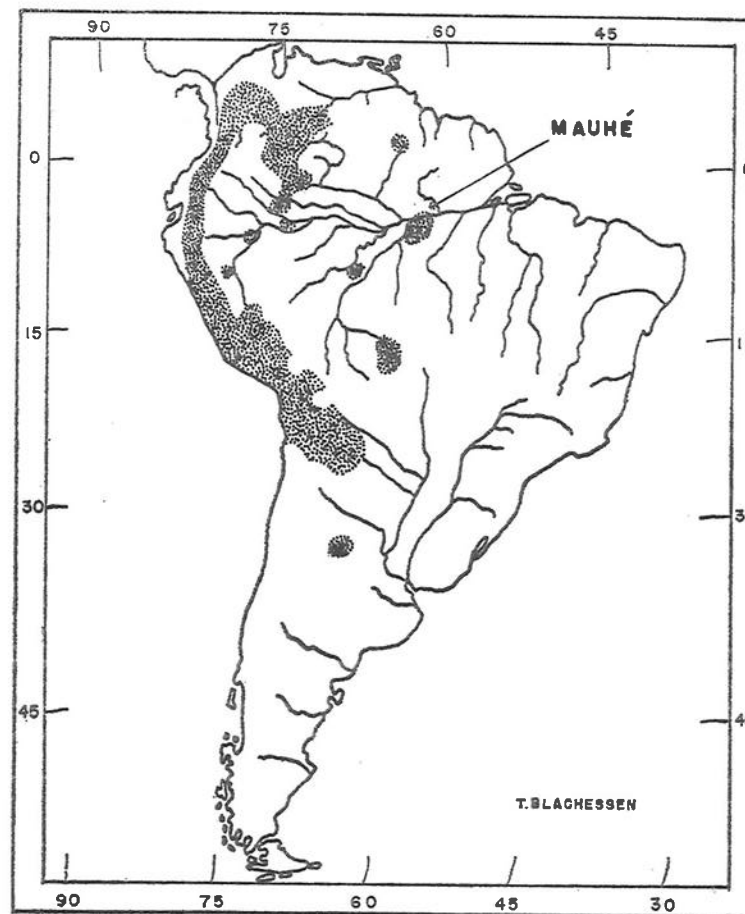


Fig. 2

Distribuição do uso do paricá. Apud J. H. Cooper, «Stimulants and narcotics». In Julian H. Steward, *op. cit.*, vol. 5, pp. 525-558.

Os Mauhé continuaram numerosos, apesar das sequelas do contacto: em 1862 registavam-se quatro aldeias na área do Tapajós com uma população de 3657 índios que vinham fornecendo contingentes para a fundação, por leigos e

religiosos, de povoações neo-brasileiras. Tornaram-se conhecidos pelo cultivo do guaraná (*Paulinia sorbilis*) com o qual praticavam movimentado comércio até o final do século XIX (4). Em 1957 eram tidos como integrados na sociedade nacional e, de acordo com Darcy Ribeiro, «conservaram sua identificação tribal e a despeito de falarem português e viverem como caboclos amazonenses típicos, consideram-se índios e assim são considerados» (5).

Fica evidente pela descrição de Alexandre Rodrigues Ferreira que a bandeja — ou plancheta — coletada não corresponde ao exemplar da Sociedade de Geografia de Lisboa. Como naturalista de formação, o sábio não se limitou, porém, à coleta de espécimes únicos, como o atesta a coleção de Coimbra (6) em que cada género de artefacto é representado por diversos exemplares. Além disso, do ponto de vista tipológico, a bandeja integra o pequeno conjunto de peças congêneres que se encontram em diversos museus europeus e brasileiros. Zerries menciona os exemplares de Oslo, Munique, Roma, Viena (4 peças), Estocolmo e Rio de Janeiro (6 peças), todos de procedência Mauhé, documentada ou atribuída, e datados do século XIX (7). A série amplia-se agora em número — três bandejas em Coimbra e uma em Lisboa — e aprofunda-se no tempo, penetrando no século XVIII. Os poucos exemplares existentes apontam, pois, para o valor de raridade das bandejas de aspirar paricá recentemente registadas em Portugal.

Mais do que isso. Elas e todos os materiais indígenas recolhidos nos primeiros séculos da ocupação luso-brasileira são os únicos documentos *objectivos* de que dispomos sobre a realidade etnográfica da época. Das primeiras informações escritas sobre as tribos que ocupavam as margens do Amazonas e dos baixos cursos de seus tributários, datadas do início do século XVII, extraem-se etónimos, localização de grupos, dados sobre formas de subsistência, e não muito mais. Trata-se de relatos que visavam ao interesse do administrador de então e não ao do etnólogo de hoje. Estudos etno-históricos recentes vêm conseguindo reconstruir, penosamente, do estudo comparativo dessas crônicas, um quadro de denso povoamento indígena que permite inferir a existência de uma elaborada

(4) Apud Curt Nimuendajú, "The Maue and Arapium". In Julian H. Steward (ed.), *Handbook of South American Indians*, vol. 3, pp. 245-246. Washington 1949.

(5) *Os índios e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil moderno*, p. 42. Petrópolis, Editora Vozes, 1977.

(6) Deu-se em 1806 a transferência, para Coimbra, de parte da coleção trazida por Rodrigues Ferreira, de acordo com Henrique Coutinho Gouveia, *Museu e Laboratório Antropológico 1772-1978. Exposição temporária*, p. 8. Coimbra 1978.

(7) Otto Zerries, *Unter Indianern Brasiliens. Sammlung Spix und Martius 1817-1820*. Innsbruck/Frankfurt, 1980.

organização sócio-política (8). Esse quadro foi profundamente alterado pela ação cada vez mais intensa e sistemática do processo de ocupação da área pelo luso-brasileiro. As observações de viajantes com formação científica — mas ainda não antropológica — iniciam-se em fins do século XVIII, quando o contacto inter-étnico já havia feito desaparecer tribos inteiras ou descaracterizar-se culturalmente as que ainda existiam. Decorre dessa situação a importância dos artefactos indígenas recolhidos nesses primeiros séculos de ocupação, mesmo quando desprovidos de informes sobre contexto original ou procedência: submetidos a análises de cunho tecnológico, estilístico ou simbólico, eles podem esclarecer determinados problemas etnográficos sobre os quais a documentação escrita da época silencia e que a arqueologia não abrange. E o desenvolvimento de metodologias que permitam explorar as potencialidades das expressões materiais de culturas indígenas além do nível adaptativo em que geralmente são consideradas, vincula-se à própria «raison d'être» dos museus; caso contrário, eles nunca deixarão de ser os depósitos de velharias da imaginação popular, protegidos por um vago sentimento de respeito pela «antiguidade» de seus acervos.

Poucos são os pesquisadores voltados para a tarefa de valorização do artefacto indígena como documento «capaz de falar». Em outro contexto, mas com a mesma preocupação, acentuei que «é possível que modismos, a que também a antropologia está sujeita, sejam responsáveis pelo desinteresse por cultura material, ou então a suspeita de que o investigador preocupado com cultura material está realmente interessado em questões como invenção independente, convergência e história cultural, questões julgadas desacreditadas em função de excessos cometidos durante o período formativo da antropologia como ciência» (9). O alcance desse tipo de evidência pode ser ilustrado por um trabalho de Günther Hartmann do Museu Etnográfico de Berlim (10). Ele conseguiu mostrar no artefacto a expressão iconográfica de duas funções associadas dentro do complexo xamânico dos índios do noroeste amazônico. Tal associação já fora observada nos trabalhos de campo: existiam, pois, condições de verificabilidade para lastrear os resultados a que a análise iconográfica havia levado o pesquisador. Mais ainda, deu foros de documento ao artefacto e de «coisa séria» aos trabalhos sobre cultura material.

(8) Antonio Porro, "Os Omagua do alto Amazonas: demografia e padrões de povoamento no século XVII". In T. Hartmann e Vera Penteadó Coelho (orgs.), *Contribuições à antropologia em homenagem ao Professor Egon Schaden*, pp. 207-231. Coleção Museu Paulista, Série Ensaio, vol. 4, São Paulo 1981. — Miguel Menéndez, *Contribuição à etnohistória da área Tapajós-Madeira*. Dissertação de mestrado inédita. Universidade de São Paulo, 1981.

(9) T. Hartmann, "Cultura material e etnohistória". *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. XXIII, pp. 179-197, São Paulo 1976.

(10) G. Hartmann, Sitzbank und Zigarrenhalter. *Tribus* n. 24, Stuttgart 1975.

Outro etnólogo voltado para a mesma problemática é Otto Zerries da Universidade de Munique na Alemanha. Publicou em 1980 a colecção Spix e Martius num primoroso catálogo <sup>(11)</sup>, provido de ilustrações e comentários que facilitam sobremodo o trabalho com os materiais da Viagem Philosophica, uma vez que as duas expedições percorreram a mesma área em roteiros complementares. Vem trabalhando há anos com artefactos indígenas desprovidos de documentação existentes em diversos museus europeus, procurando atribuir-lhes o contexto faltante através da análise conjunta de temas das mitologias tribais e expressões iconográficas em artefactos de uso cerimonial. Recentemente, publicou uma síntese, a partir de algumas das peças estudadas, no artigo «Atributos e instrumentos rituais do xamã da América do Sul não-andina e o seu significado» <sup>(12)</sup>, em que também tomam lugar as bandejas de aspirar paricá providas de esculturas zoomorfas, em especial as que representam répteis e felinos, animais de presença marcante na mitologia sul-americana.

Por outro lado, o pesquisador sueco S. Henry Wassén foi levado ao estudo da parafernália empregada na aspiração de paricá pelo seu interesse de longa data pelos narcóticos e estimulantes dos indígenas sul-americanos. Para ambos os estudiosos, os lavrados zoomorfos das bandejas de aspirar paricá constituem chaves para o mundo das representações de tribos que perderam, ao contacto com o branco, seus modos de vida tradicionais. De acordo com Wassén <sup>(13)</sup>, a língua protuberante é um elemento típico dos cabos das bandejas Mauhé mais antigas. Trata-se de um critério de identificação importante, uma vez que a procedência Mauhé das diversas bandejas nem sempre é documentada. E o animal representado tem sido interpretado como serpente, jacaré — o próprio Rodrigues Ferreira obteve o dado de um informante — ou tartaruga <sup>(14)</sup>. E o exemplar da Sociedade de Geografia de Lisboa assume particular importância nesse sentido, na medida em que fornece um dado novo que permite o avanço da investigação: de modo inequívoco, ela identifica, em termos de espécie, a serpente da iconografia das bandejas. Nos exemplares até agora registados ela é representada por formas altamente estilizadas, de difícil interpretação. E aqui parece não haver dúvidas, trata-se da cobra cascavel.

#### SUMMARY

Some Brazilian aboriginal handicrafts, namely a *paricá* (snuff) tablet included in the collections of the «Sociedade de Geografia de Lisboa», are studied in this paper.

<sup>(11)</sup> Cfr. nota de rodapé 7.

<sup>(12)</sup> In T. Hartmann e V. P. Coelho, *op. cit.*, pp. 319-360.

<sup>(13)</sup> *Op. cit.* p. 165.

<sup>(14)</sup> Zerries, *op. cit.*, pp. 171-172.

## TORQUATO TASSO, POETA ÉPICO (\*)

JOSÉ DA COSTA MIRANDA

Prof. de Literatura Italiana na Faculdade de Letras de Lisboa

No ano de 1581 — vão, portanto, contados quatro séculos — difundiram-se em Itália não menos de sete edições, consecutivas, de um longo poema, em vinte cantos, identificado com o poeta Torquato Tasso.

Foram as referidas edições impressas em várias localidades: duas, em Parma; uma, em Veneza; duas, em Ferrara; uma, em Casalmaggiore e, outra, em Lyon, na vizinha França, edição da qual um exemplar se encontra, aliás, na Secção de Reservados, da nossa Biblioteca Nacional <sup>(1)</sup>.

Mas, coisa estranha, nem o texto do poema era comum a todas as edições, nem o seu título era um só no conjunto das edições.

Três ou quatro títulos, diferentes, pelo menos, ostentaram essas edições. Dois, próximos entre si: *Gerusalemme Liberata* <sup>(2)</sup> e, *Gierusalemme Liberata* <sup>(3)</sup>, um, não muito distinto deste último e, apenas, ligeiramente acrescido: *La Gierusalemme Liberata* <sup>(4)</sup> e, finalmente, um outro título que se diria anómalo, face aos restantes: *Il Goffredo* <sup>(5)</sup>.

(\*) Conferência proferida em 19 de Janeiro de 1982, na Sociedade de Geografia de Lisboa, em iniciativa conjunta desta Sociedade e do Instituto Italiano de Cultura em Portugal, para assinalar o IV Centenário da publicação do poema GERUSALEMME LIBERATA, de Torquato Tasso.

<sup>(1)</sup> Reservados 4493 P.

<sup>(2)</sup> Parma, 1581, impressão de Erasmo Viotti; Casalmaggiore, 1581, impressão de Antonio Canacci; Lione, 1581, impressão de Petro Rovssin. As duas últimas edições com os argumentos do poema por Oratio Ariosti.

<sup>(3)</sup> Ferrara, 1581, impressão de Vittorio Baldini, em edição da responsabilidade de Febo Bonnà. E, Ferrara, 1581, impressão dos Herdeiros de Francesco de' Rossi, ainda sob os cuidados de Febo Bonnà.

<sup>(4)</sup> Parma, 1581, impressão de Erasmo Viotti, certamente sob a direcção de Pomponio Torelli, com anotações de Bonaventura Angeli e os argumentos do poema por Oratio Ariosti.

<sup>(5)</sup> Venezia, 1581, impressão de Gratosio Perchacino, sob orientação de Celio Malaspina, com os argumentos do poema por Oratio Ariosti e um prófácio de Filippo Pigafetta.